

cultura e informação
A REVISTA DO SABIN

1º trimestre letivo 2023 – ano XXIX – nº 83

Diálogo entre gerações

Nos 30 anos do Sabin, a promoção da leitura e a nova biblioteca representam o objetivo mais importante de qualquer escola.

Aniversários – especialmente aqueles que representam datas “redondas”, como 30 anos – nos fazem pensar no passado e no futuro. São momentos em que consideramos como chegamos aonde chegamos, as marcas que deixamos pelo caminho e o que mais queremos alcançar. Fazemos um balanço de tudo que mudou, as transformações pelas quais passamos, e do que ficou preservado desde o início, a nossa essência. Faço essa reflexão a propósito dos 30 anos que o Sabin completará, em outubro, para contar como celebraremos essa data e o que motivou nossa decisão.

Para planejar as comemorações do nosso 30º aniversário, reunimos representantes de todos os departamentos, fossem eles alguns dos membros mais antigos da escola, fossem alguns dos integrantes recém-chegados. Queríamos que a festa simbolizasse o espírito participativo e engajado da nossa equipe; que prestigiasse nossos valores e tradições, mas sinalizando a abertura a novas ideias, que sempre buscamos cultivar. Queríamos, sobretudo, gerar algum impacto para além dos nossos muros, para marcar nossa crença no papel da educação como força transformadora de toda a sociedade.

Desse processo, saímos com a decisão de eleger um foco, uma bandeira inspiradora – a promoção da leitura – e uma ação central concreta – a reforma da biblioteca do Sabin –, em torno das quais outras ações pontuais serão estruturadas ao longo do ano.

Em linhas gerais, queremos que nossa biblioteca se torne um espaço de convivência ainda maior do que já é. Que cumpra sua função como repositório de um bom acervo dedicado à leitura por prazer, à pesquisa e ao estudo, mas que também sirva de palco para eventos coletivos, vol-

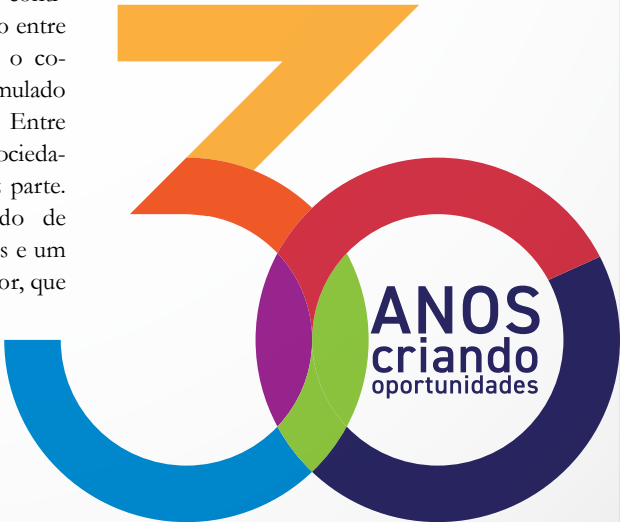
tados para toda a comunidade do Sabin. Estou falando de contações de história, saraus, exposições, debates, noites de autógrafo – principalmente de obras escritas por nossos professores, ex-alunos ou pais de alunos –, entre outras atividades que podem ser pensadas em torno dos livros, da leitura e da cultura.

Obviamente, serão resguardados os ambientes de silêncio e concentração que se esperam de toda biblioteca, mas o novo projeto vai proporcionar também mais interações informais, visando à troca produtiva de ideias e à construção de novos conhecimentos. De certa forma, queremos que a nova biblioteca do Sabin faça pela leitura e pelo campo das humanidades o que nosso Espaço *Maker* e nossos laboratórios têm feito pela promoção das Ciências Exatas e da Natureza no Colégio. E até mesmo fora do Colégio, já que também está em nossos planos investir em bibliotecas itinerantes pelo entorno do Sabin e por parques e outros locais públicos da cidade.

Será, portanto, um projeto-símbolo do que desejamos expressar nesse aniversário, já que bibliotecas e livros representam o que sempre foi, em essência, o objetivo mais importante de qualquer escola: a continuidade do diálogo entre novas gerações e o conhecimento acumulado da humanidade. Entre cada aluno e a sociedade da qual ele faz parte. Entre um passado de grandes conquistas e um futuro ainda melhor, que todos ajudaremos a construir.



Cristina Godoi
Mantenedora dos Colégios
Albert Sabin e AB Sabin
cristina@albertsabin.com.br



O mundo começa na escola.
Revista do Sabin,
1º trimestre letivo 2023
ano XXIX – nº 83
Aluno da capa:
Victor Amorim,
aluno do 4º ano F.

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin e da Escola AB Sabin.
Colégio Albert Sabin
Av. Darcy Reis, 1.901,
Prq. dos Príncipes, São Paulo/SP –
(11) 3712.0713
www.albertsabin.com.br
Escola AB Sabin
Av. Martin Luther King,
2.266/2.280, São Francisco,
São Paulo/SP – (11) 3716.5666
www.absabin.com.br
Mantenedores:
Gisvaldo de Godoi,
Neusa A. Marques de Godoi,
Cristina Godoi de Souza Lima
Direção pedagógica:
Giselle Magnossão (Albert Sabin),
Sílvia Adrião (AB Sabin)
Direção administrativa:
Fernando A. Mello
Marketing: Natália Giraldo
Colaboradores: Áurea Bazzi,
Denise Araújo, Dionéia Menin,
Giselle Magnossão, Leandro
Lamano, Paulo Rogério Vieira,
Sílvia Adrião, Suzy Vieira
Projeto e coordenação editorial:
Bandeira 2 Comunicação Ltda.
Jornalista responsável:
Alexandre Bandeira
(MTB 0049431/SP)
Designer: Giovanna Angerami
Textos: Alexandre Bandeira,
Gerson Sintoni (pág. 24)
Fotografias: Rodrigo Jacob,
Equipe Pedagógica
Revisão: Adriana Duarte
1º trimestre letivo 2023.

4+5



Conversa Paralela
A sustentabilidade e as liberdades substantivas do ser humano

6+7



Educação Infantil
Como promover o aprendizado em torno dos interesses da criança

8+9



Fundamental – Anos Iniciais
A importância da Matemática na busca pela sustentabilidade

10+11+12



Fundamental – Anos Finais
Atividades extracurriculares e a escolha da própria jornada

13+14+15



Ensino Médio
Como o ambientalismo está presente no currículo do Ensino Médio

16+17



Idiomas
Os objetivos do Inglês em diferentes fases da vida do aluno

18+19



Esportes&Cultura
Novidades para o corpo e a mente no programa de esportes

20+21



A Gente Quer Saber
Gisvaldo de Godoi responde como criou o Sabin há 30 anos

22+23



Livre Expressão
Alunas refletem sobre os 35 anos da Constituição Brasileira

24



Encantamento
A história de Dona Lígia, a colaboradora mais antiga do Sabin

Sustentabilidade é um valor ético

Filósofo defende um modelo de desenvolvimento focado nas liberdades substantivas dos seres humanos.



Ricardo Abramovay,
filósofo e cientista político

PARA QUE SERVE O CRESCIMENTO ECONÔMICO? Essa é a pergunta que o filósofo e cientista político RICARDO ABRAMOVAY, professor da Pós-Graduação em Ciência Ambiental da USP, vê o mundo fazer, cada vez mais, diante dos problemas socioambientais que enfrenta. Autor de 13 livros, como *Amazônia: Por uma Economia do Conhecimento da Natureza e Muito Além da Economia Verde*, ele nota, por exemplo, que fabricar mais automóveis não melhorou a mobilidade urbana, assim como mais alimentos ultraprocessados à base de poucos produtos agrícolas, como a soja, não resolveram a questão da obesidade em países ricos, muito menos a fome nos países pobres. Diante de constatações como essas – e dos riscos de ultrapassarmos os limites dos serviços ecossistêmicos do planeta –, Abramovay advoga por recuperarmos a natureza ética do desenvolvimento sustentável, no qual a economia deve existir em função da qualidade de vida das pessoas. É o que ele explica em conversa exclusiva, a seguir (entrevista editada por limitação de espaço).

O quão viáveis, hoje, são os objetivos do desenvolvimento sustentável?

Difícil dizer, é mais fácil dizer o quanto são necessários e mostrar indícios de movimento nesse sentido. Desenvolvimento sustentável é um conceito inspirado no trabalho do Nobel de Economia Amartya Sen, que tem uma definição bonita e precisa: “É o processo permanente de expansão das liberdades substantivas dos seres humanos”. Não há uma palavra que lembre economia, como bens, serviços, dinheiro ou equilíbrio fiscal. Talvez a palavra mais importante seja “substantivas”, para caracterizar as liberdades. Temos liberdade de comprar comida, mas 33 milhões de brasileiros passam fome, e metade vive em insegurança alimentar. Temos liberdade de morar onde

quisermos, mas muitos moram em condições indignas. E o problema do mundo contemporâneo é este: como ampliar as liberdades substantivas dos seres humanos sem ultrapassar fronteiras a partir das quais os serviços ecossistêmicos de que dependemos ficam comprometidos? O exemplo mais emblemático desses serviços é o sistema climático, que há 12 mil anos mantém as temperaturas globais médias sem oscilar mais que 1 °C para cima ou para baixo, permitindo o desenvolvimento da civilização. Hoje, estamos ultrapassando essas fronteiras para produzir bens que preenchem necessidades do mercado, não necessidades humanas fundamentais, o que nos leva à pergunta: produzir mais para quê? Desenvolvimento sustentável, antes de ser um conceito científico, é um valor ético-normativo.

Há quem diga que a solução é o mundo parar de crescer.

No Brasil, nós precisamos de crescimento! Precisamos de mais escolas, hospitais, moradias de qualidade. Tudo isso se manifesta no crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), mas ele não pode ser o parâmetro decisivo. O parâmetro tem de estar nos indicadores sociais: melhorou a vida das pessoas? A nutrição? A longevidade? O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi pioneiro, mas hoje existem inúmeros indicadores para medir qualidade de vida.

Como os desafios sociais estão relacionados aos desafios ambientais?

Não há como elevar o nível de vida de quem é pobre para se assemelhar ao dos que têm um consumo confortável hoje sem estourar as fronteiras ecossistêmicas. Por isso, os problemas contemporâneos são socioambientais, as duas coisas estão articuladas. Você não resolve os problemas do clima, da biodiversidade e da poluição sem combater a desigualdade, e não faz isso se insistir em extrair mais petróleo e derrubar floresta. Então, respondendo à pergunta inicial: é viável? Não tem como saber, mas a consciência sobre esse tema é muito maior hoje do que há 20 anos. E a busca científica por soluções técnicas vem se aprofundando.

Qual a importância do Brasil e da Amazônia para o mundo?

A Pan-Amazônia [região que abrange nove países] armazena quantidade de carbono correspondente a algo entre 10 e 15 anos das atuais emissões globais de gases de efeito estufa (GEEs). Destruir a floresta significa que todo o esforço da humanidade contra a crise climática se perde. Essa é a primeira contribuição que o Brasil tem a dar: manter a Amazônia de pé. Além disso, nos últimos 40 anos, a agricultura brasileira cresceu concentrada em poucos produtos, dos quais dependem nossas exportações. Vamos ter de diversificar em duas direções: uma é a bioeconomia dos nossos biomas. Se você considerar produtos tipicamente florestais da Amazônia – excluindo carne, soja, milho –, a participação do Brasil no comércio mundial é de algo como 0,17%. A Bolívia exporta mais castanha-do-pará do que o Brasil. A China se tornou produtora e exportadora de peixes amazônicos! Um segundo campo é o uso de produtos da floresta nas indústrias química, farmacêutica, bioenergética, etc. Os potenciais da sociobiodiversidade são imensos, só que é necessário ter infraestrutura e organização para isso.

Agronegócio e conservação ambiental são conciliáveis?

Sim, mas sob determinadas condições. No que se refere a carnes, fundamentais para o Brasil, vamos ter de fazer transformações importantes. A primeira é zerar o desmatamento. Não é que a pecuária seja, ela, o vetor do desmatamento, mas ele é legitimado por ela. Para legitimar áreas desmatadas, coloca-se meia dúzia de cabeças de gado. É pecuária de baixíssima qualidade e altíssimo impacto. Uma coisa importante de destacar é que o Brasil é o único país do mundo, nessas dimensões, em que metade das emissões de GEEs vem do desmatamento. Na Índia, China, EUA, reduzir emissões pela metade exige revolucionar a mobilidade urbana, o sistema de aquecimento e refrigeração dos domicílios, transformações supercomplicadas. Compare com zerar desmatamento: qual a complicação? O Brasil é muito bom em detectar desmatamento, somos vanguarda mundial nisso.

A pecuária também tem o problema das emissões de metano.

O arroto do boi, que é um negócio bastante complicado. Há inovações que podem ser introduzidas, como máscaras no focinho do boi ou o uso de algas marinhas [na ração], que atenuam a produção de metano. Mas isso também vai envolver padrões de consumo. Não demonizo o consumo de carne, mas parte muito grande da humanidade consome muito mais carne do que o necessário.

Ações individuais, como mudar a dieta ou separar o lixo, fazem diferença?

Fazem. A quantidade de lixo que uma pessoa produz ao longo da vida é impressionante. [N.E.: *O brasileiro médio produz mais de 1 kg de lixo por dia.*] Mas não é só do ponto de vista material, é da atitude. Fazemos a diferença manifestando indignação; conversando com a família, amigos, vizinhos; procurando organizações da sociedade civil e lutando para fortalecê-las. Uma segunda coisa é estimular uma visão naturalista do mundo, o amor à natureza. Precisamos mergulhar a vida urbana na natureza, com mais bosque, mais pássaro. Precisamos sensibilizar as pessoas para a importância do solo; 25% de toda a vida no planeta está a 10 cm abaixo dos nossos pés. E tudo isso tem de ser feito com base em informação de qualidade, ciência. Mas o mais importante é a organização social. No fundo, o que faz governos e empresas se mexerem é a mobilização da juventude.

O que interessa ao aluno

Na Educação Infantil, melhor que seguir roteiros predeterminados é deixar a criança investigar os próprios interesses e testar suas hipóteses.

Como os pinguins e ursos-polares conseguem viver em lugares tão gelados? Para os alunos do Pré II da professora Carolina Magalhães que estudam à tarde, aquela foi uma das primeiras questões suscitadas pelo livro *Cada Bicho Tem Seu Canto*, ao qual foram apresentados no início do ano. Já na turma da manhã, o primeiro animal a despertar o interesse de todos foi uma criatura “encantada” e “perigosa”, que “sobe o corpo e dá um bote” para depois se esconder, “enroladinha dentro do pote”. Era a naja, que inspirou na classe uma dúvida: seria seu veneno capaz de matar?

Mesmo livro, mesma professora, dois caminhos de investigação distintos. Em cada turma, Carolina seguiu a curiosidade dos alunos para promover discussões sobre o corpo, o ambiente natural, os hábitos alimentares e outras características dos bichos que mais chamavam a atenção do grupo. Se, nesse caso, foram pinguins, ursos e najas, bem poderiam ter sido esquilo e girafas, que Carolina teria agido da mesma forma, ajudando os alunos a encontrar as respostas que buscavam, em outros livros de pesquisa ou na internet. E, em vez de se portar, ela própria, como fonte de todo o saber, a professora ia fomentando novas dúvidas a cada descoberta das turmas, tornando a investigação ainda mais desafiadora e divertida.

“Quando passamos a estudar bichos aquáticos, por exemplo, alguns alunos notaram que a água do mar era azul, mas o rio onde vivia o boto era marrom”, conta Carolina, que lhes devolveu um enigma ainda maior: “Qual será a cor da água? E se a água, na verdade, não tiver cor nenhuma?”

Segundo a coordenadora Dionéia Menin, a forma como Carolina conduz as atividades de suas turmas de Pré II, como uma grande investigação coletiva sobre o mundo, reflete a abordagem do Sabin para a Educação Infantil, que vê o aluno como protagonista do processo de construção de conhecimento. “Toda criança é investigativa por natureza. As abordagens pedagógicas aproveitam o centro de interesse da criança, aquilo que ela quer descobrir, e o professor vai ajudá-la a fazer boas perguntas, a elaborar e testar hipóteses, de uma maneira muito mais autônoma”, diz a coordenadora.

Já Carolina acrescenta que, nesse intuito de despertar o maior interesse dos alunos, mais do que nunca se faz necessário o olhar atento do professor ao movimento da aprendizagem, que é extremamente dinâmica. Segundo ela, tal abordagem requer desde uma preparação cuidadosa na ambientação das salas de aula e na escolha dos

materiais e livros, que instiguem a curiosidade e ampliem o repertório da criança, até a flexibilidade para acompanhar a classe em rumos inesperados, sem perder de vista a intenção pedagógica. “Nós mostramos que as crianças são capazes de elaborar suas próprias hipóteses e teorias, seguindo o interesse delas”, diz a professora, que vem utilizando a temática dos bichos para conduzir seus alunos em aprendizados sobre a escrita, as cores, as formas geométricas, sobre o mundo, o corpo e a própria identidade de cada um.

Vamos testar?

Outro ponto de destaque do trabalho é uma documentação mais detalhada do aprendizado, que não se restringe a um produto final que os alunos levam para casa, para mostrar aos pais, mas acompanha e registra todo o processo de investigação até as suas descobertas. E, de preferência, em suas próprias palavras.

“Vamos sempre anotando as falas deles para marcar o que estão compreendendo dos conceitos trabalhados”, diz a professora Luciana Satie, que também dá aulas ao Pré II. No último semestre, por exemplo, ao iniciar uma aula sobre medidas de comprimento, Luciana perguntou antes o que cada aluno entendia por “medir algo”.

“Eles diziam coisas como ‘é ir contando até parar em um número e ver quanto comprimento tem’. E eu fui provocando, sugerindo que medíssemos o tamanho da sala contando passadas, até que alguém percebeu que eu dava menos passos que todos. Então um aluno dizia: ‘Ah, é porque o pé da prô é maior!’ Quando eles começaram a entender a importância de ter algum objeto padronizado, foi aí que eu trouxe a fita métrica, que outro aluno resumiu assim: ‘Deu mais certo com a fita!’”, relata Luciana, que registrou todas essas falas na documentação do projeto – que ainda envolveria outras temáticas mais adiante,

incluindo o tamanho de cada aluno ao nascer, a evolução do corpo de cada um, e até mesmo uma reflexão sobre diferentes “cores de pele” com a professora de Arte, Roberta Moretti.

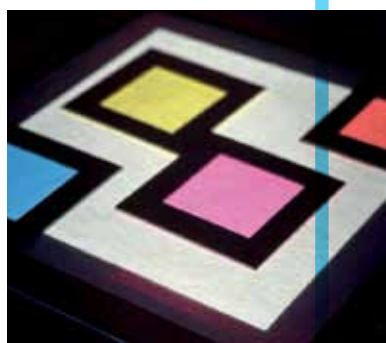
Roberta também prefere estimular seus alunos a formularem hipóteses sobre os temas trabalhados – mesmo que incorretas – a apenas servir como fonte de informação. Em outra aula recente de Arte com uma turma de 1ª ano, ela havia proposto que produzissem cores diversas a partir da mistura de tintas, quando o comentário de um aluno a fez mudar de planos: “Prô, sabia que todas as cores juntas dá branco?”

Ela sabia que não era bem assim; que a luz branca do Sol é um fenômeno ótico que depende da velocidade com que as ondas das outras cores atingem o olho humano. E, no entanto, Roberta aproveitou: “Ah, é? Então vamos tentar fazer a cor branca?” Só depois de várias tentativas, sem sucesso, a professora apresentou à turma um Disco de Newton: um círculo dividido em seções pintadas com as cores do arco-íris, montado em um motor que gira tão rápido a ponto de criar a ilusão ótica do branco. “Mesmo quando eles giravam com a mão, não era veloz o suficiente”, diz Roberta, que nota: “A teoria do aluno não estava errada, mas incompleta. E eu não refutei ou dei a informação certa. Eu o deixei testar e perceber o que estava faltando”.

Para Luciana Satie, longe de desmotivar os alunos, práticas como essas da equipe do Sabin – de responder perguntas com outras perguntas, ou de deixá-los conduzirem os próprios experimentos – geram um ânimo ainda maior no grupo e ajudam a ampliar os conceitos aprendidos, além de promover neles um sentimento essencial para o resto da vida: “Eles vão se sentir menos dependentes, vão ter confiança e capacidade de ir atrás das próprias respostas, sempre que precisarem”, diz a professora.



Discos de Newton e experimentos com luzes em aula do 1º ano: testando a hipótese de que o branco é a soma de todas as cores.



Alunos do Pré II reproduzem o corpo dos bichos usando formas geométricas.



Números que mobilizam

Nos anos iniciais do Fundamental, a Matemática é ferramenta que ajuda os alunos a entender – e a praticar – sustentabilidade.

tal, no que se refere a ações de sustentabilidade, mas que pode ser aplicado no enfrentamento de vários outros tipos de problema: o uso da Matemática para a compreensão e o dimensionamento dos desafios, para a definição de estratégias e para a avaliação dos resultados.

“Pensar a sustentabilidade e entender Matemática são duas coisas que se beneficiam mutuamente”, diz a assessora. “É um elo fundamental para transformar a realidade, porque, quando a gente quantifica os dados, para o bem ou para o mal, a gente se mobiliza”.

Para a coordenadora Dionéia Menin, as crianças aprendem desde cedo que “a Matemática é como um idioma com o qual se escreve ciência”. Segundo ela, atividades de pesquisa, coleta e tratamento estatístico de dados, bem como exercícios de probabilidade para a tomada de decisões, são feitos pelos alunos ao longo dos anos, com complexidade crescente, em referência a diversas temáticas. Ocorre que a temática da sustentabilidade é uma das que mais sensibilizam as novas gerações.

Exemplo ilustrativo disso aconteceu no último semestre, quando as turmas do 3º ano organizaram uma campanha para redução do uso de copos de plástico – em parte motivadas por uma fotografia tirada pelo grupo do Projeto Voluntário em visita à cooperativa Yougreen, que recebe o lixo de papel e materiais recicláveis coletados no

Colégio. “A equipe da Yougreen tinha empilhado em um engradado os copinhos usados por nós ao longo de uma semana, e o tamanho da pilha chamou a atenção do grupo”, lembra Luciana Acorsi.

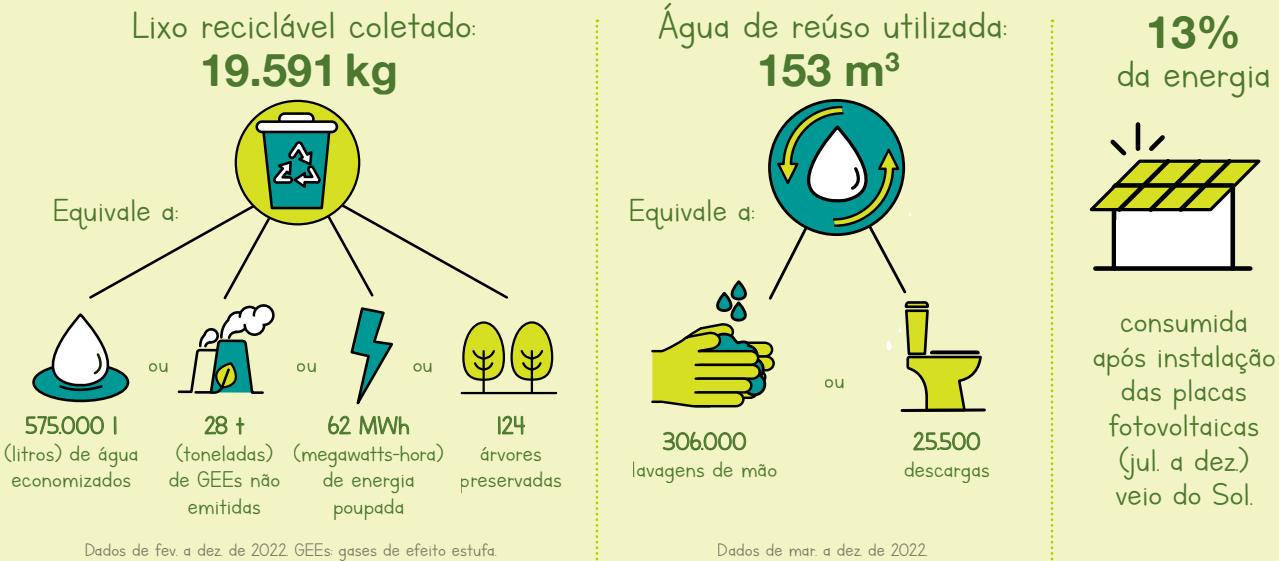
Mas o mais importante foi o que as turmas do 3º ano fizeram após o impacto inicial. Segundo a assessora, os alunos definiram um cronograma com metas a cumprir – com um número máximo de copos utilizados por semana e por mês – e passaram a tabular os usos diários. Logo estavam transformando os números em gráficos, para ter uma representação visual exata do quanto iam evoluindo no compromisso. “Quando viam que estavam consumindo mais do que o previsto, eles se cobravam mais e redobravam a vigilância. Se um aluno esquecia de trazer a garrafinha de casa, pegava um copo descartável e escrevia o nome para reutilizar durante o dia”, diz Luciana.

“Todos os eixos da Matemática podem ser trabalhados de forma muito natural em projetos que envolvem a sustentabilidade”, diz Dionéia, explicando que, além do uso de gráficos, o tema é útil para o aprendizado de unidades de medida e suas conversões – por exemplo, de quilos em toneladas de lixo, ou de metros cúbicos em litros d’água. A coordenadora nota, ainda, que o assunto também é mote para provocar reflexões sobre consumismo e educação financeira: “Alguns alunos do projeto dos copinhos chegaram a entrevistar Dona

O impacto que conseguimos evitar

Os dados a seguir se referem a ações socioambientais do Sabin em 2022.

Fonte: Comissão ESG do grupo Godoi Educacional.



Lúgia, nossa tesoureira, para saber quanto o Sabin gastava em copos por mês”, diz ela. [A propósito do tema, a partir deste ano, o uso de copos d’água descartáveis foi abolida no Colégio.]

“Também já fizemos uma atividade com os 5ºs anos na qual os alunos traziam contas de luz para a escola”, lembra Luciana. “Talvez tenha sido a primeira vez que muitos deles examinaram de perto uma conta dessas, com aquele gráfico de barras que mostra a evolução do consumo mensal da residência, e as diferentes bandeiras tarifárias que influenciam no valor do kilowatt-hora”.

Na opinião de Luciana, se exemplos como esses já vinham trazendo aprendizados significativos para os alunos em anos anteriores, hoje, completado o primeiro ano de atuação da Comissão ESG, será possível explorar ainda mais a fundo a relação entre conhecimento matemático e práticas sustentáveis, com base nos resultados reais que o Colégio tem conseguido alcançar (v. quadro). “Os alunos ainda vão trabalhar muito com esses dados que estamos gerando com as ações da Comissão, analisando nosso desempenho e produzindo painéis sobre toneladas de carbono não emitidas ou árvores não derrubadas, por exemplo”, diz a assessora.

É uma forma de dar concretude não apenas aos desafios a ser enfrentados mas também ao compromisso de toda a comunidade do Sabin por um mundo melhor.

Os caminhos de cada um

Com o aumento das opções extracurriculares, os anos finais do Fundamental marcam o momento em que o aluno começa a traçar sua jornada com mais autonomia e responsabilidade.

João Pedro Santos entrou no Sabin no 7º ano. Como atividade extracurricular, fez o módulo de Matemática por dois anos e, no 9º, também os de Física, Química e o preparatório para o DELE. “Legal ter contato com gente de outras classes”.



Em 2022, o jovem **João Pedro Santos** viu seu círculo de amizades crescer. Aluno do Sabin desde 2020, ele havia tido contato apenas remoto com os colegas da nova escola durante a maior parte da pandemia, até que, no ano passado, o ensino presencial foi restabelecido por completo, e João Pedro participou de quatro atividades extracurriculares que o apresentaram a novos colegas de outras turmas e séries. Ele estava no 9º ano do Fundamental e escolheu cursar os módulos preparatórios para olimpíadas de Física, Química e Matemática e para a prova do DELE, certificado de proficiência em Espanhol.

“Meus pais acharam que seria demais, mas decidi fazer tudo”, diz o aluno, hoje na 1ª série do Ensino Médio. Segundo ele, embora tenha sido difícil conciliar os estudos, ele quis “se desafiar” e levou as olimpíadas a sério. Tanto que terminou o ano com duas medalhas de ouro, uma de bronze e uma menção honrosa – além de, não menos importante, algumas novas amizades. “Foi legal ter contato com gente de outras classes, uma experiência interessante”.

Poderia ter sido uma quantidade ainda maior de gente, porém, se João Pedro tivesse participado do Programa Sabin+Esportes&Cultura, como fez, por exemplo, **Sofia Silva**. Também aluna da 1ª série do Médio, só no ano passado Sofia fazia aulas de Futsal, Handebol e Balé, além dos módulos de Matemática, Química e do DELE. “Gosto de viver experiências novas, sou muito curiosa”, diz ela, que esteve matriculada em três atividades do Programa (o máximo permitido por semestre) ao longo dos anos finais do Fundamental.

Segundo estimativa da equipe do Sabin, alunos como Sofia chegam a ter contato com mais de 200 colegas de diversas turmas e séries, entre aulas regulares e extracurriculares. Um número considerável de potenciais amigos, que é somente uma das vantagens de estudar numa escola cujo lema é criar oportunidades diversificadas, sobretudo a partir do 6º ano. É quando começa uma fase marcada por escolhas, com importantes efeitos para a construção da autonomia, da responsabilidade, das habilidades sociais e da própria identidade do adolescente.

Sofia Silva esteve matriculada em três atividades do Esportes&Cultura (o máximo permitido por semestre) ao longo de todo o Fund. II. “Gosto de viver experiências novas, sou muito curiosa”.



Autonomia e responsabilidade

“Quando observamos o movimento do novo Ensino Médio brasileiro, que propõe oferecer itinerários formativos para atender a diferentes perfis e promover o protagonismo dos estudantes na construção do próprio percurso, lembramos que esse conceito – da jornada individual e da escolha de trajetos – sempre permeou o projeto do Sabin, especialmente a partir do 6º ano, quando aumentam as opções de Esportes e Cultura, além de outras possibilidades extracurriculares”, diz Giselle Magnossão, diretora pedagógica do Colégio (*v. quadro*). Nesse sentido, é possível afirmar que nenhum aluno do Sabin faz sua jornada igual à de outro, o que atende a um dos objetivos dos anos finais do Fundamental: o de capacitar o adolescente para traçar seu projeto de vida, ensinando-o a fazer escolhas autônomas e responsáveis.

De fato, autonomia e responsabilidade são indissociáveis nessa fase, como explica a orientadora educacional dos 8ºs e 9ºs anos, Camila Torrezani. “Todas as atividades eletivas que o aluno

Segundo estimativa da equipe, um aluno pode se relacionar com mais de 200 colegas de diversas turmas e séries ao longo dos anos finais do Fundamental, entre aulas regulares e extracurriculares.

do Sabin faz implicam compromissos. Por exemplo, há limites de faltas sem justificativa nos esportes e nas modalidades culturais, e, se o aluno quiser desistir da opção que escolheu, só pode ingressar em outra no mês seguinte. Há também os estudos, que não podem ficar para trás, e há possíveis conflitos de horários que o próprio adolescente tem de resolver”, diz Camila. Ela lembra o caso de um aluno cujo treino de futsal, numa semana de jogo, coincidia com o horário do PEE (Programa Especial de Estudos): “Ele foi perguntar à professora se podia entrar na segunda metade da aula do PEE; independentemente da decisão, foi bacana ele assumir o compromisso e buscar uma solução”.

Como orientadoras do ciclo, Camila e Marina Brancher, responsável pelos 6ºs e 7ºs anos, ajudam a montar agendas e rotinas semanais, mas, no fim das contas, são os alunos que têm de arcar com as consequências de suas escolhas, decidindo desde suas maiores prioridades até a hora do almoço. “Esse processo exige amadurecimento e possibilita o exercício de fazer boas escolhas”, diz Giselle. “Às vezes, o aluno precisa escolher qual atividade vai privilegiar e de qual vai abdicar, para gerenciar sua rotina”, completa a diretora.

Aluno do 9º ano, **Tomás Fernandes** já se viu na situação de pesar o quanto seria capaz de fazer e ter de abrir mão de uma escolha. Em 2022, ele fazia módulos de Matemática, Física e Química, além de Basquete, Judô e Robótica. “Tentei parti-

Montando a própria agenda

Nos anos finais do Fundamental do Sabin, aumentam as atividades extracurriculares e os caminhos formativos que cada aluno pode percorrer:

- Programa Sabin+Esportes&Cultura:
 - 10 modalidades esportivas (regular e treino)
 - 6 modalidades culturais
- Módulo preparatório para a prova do DELE (9º ano)
- Módulo preparatório para Olimpíadas de Matemática (6º a 9º)
- Módulos preparatórios para Olimpíadas de Física e Química (8º e 9º)
- Aulas extras para olimpíadas de outras disciplinas (de acordo com a demanda)
- Aulas de retomada de conteúdos estruturantes
- Aulas de apoio antes de provas acumulativas
- Programa Especial de Estudos para Português e Matemática
- Programa Especial para reforço em Inglês

Tomás Fernandes definiu suas atividades dos últimos três anos pesando interesses pessoais (Robótica, Matemática), influência paterna (Judô) e dos amigos (Basquete). Em 2022, ainda acrescentou Física e Química à sua agenda.



cipar também da turma especial de Robótica, com uma aula a mais por semana, mas foi demais para mim”, diz Tomás, que, ainda assim, conseguiu conquistar três medalhas em olimpíadas – incluindo uma de ouro em Química, disciplina que só entrou em sua matriz curricular neste ano.

Referências e pertencimento

Leonardo Burlacchini, aluno da 1ª série do Médio, foi outro que passou pela experiência de fazer uma atividade extracurricular e decidir que não era ideal para seus propósitos. Há três anos, ainda no 7º ano, ele ingressou no módulo de Matemática “bastante por influência dos pais”, admite, mas logo percebeu que não queria tanta carga extra de estudos. “Meus pais aceitaram”, diz o jovem, que, ao contrário de muitos de sua idade, já tem meta profissional bem definida: será jornalista esportivo.

“Muitas famílias costumam privilegiar apenas as atividades acadêmicas, mas é importante ouvir o que os filhos realmente querem”, diz Camila Torrezani, argumentando que a variedade de opções à disposição do aluno do Sabin aumenta suas chances de mostrar outras habilidades, outros lados de si mesmo. “Já vimos muitos casos de alunos que pareciam dispersos ou tímidos, descobriam-se focados e extrovertidos no Teatro e, assim, voltavam para a sala de aula”.

É um desabrochar de talentos e mesmo de identidades, que, segundo Marina Brancher, está fortemente ligado aos grupos nos quais o aluno se integra, nessa fase da vida. “Esse contato com outras redes de convivência além da sala de aula é muito importante, porque o adolescente precisa de referências para se reconhecer. Então, além da turma de sua classe, há as turmas das aulas extras, que são, inclusive, escolhidas por ele – o que traz um sentimento de pertencimento ainda maior para o aluno”, diz a orientadora.

“Eles constroem identidades mais ricas e descobrem que há algo que os une a cada grupo”, concorda Camila, que acrescenta: “Isso os ajuda também a conviver melhor com as diferenças, porque percebem que ninguém precisa ser igual a ninguém, ou se manter o mesmo para sempre. Todo mundo tem um pouco de cada coisa, e pode ir mudando, experimentando, até achar o que lhe faz feliz”.

Leonardo Burlacchini fez Futsal todos os anos do Fund. II, além de Robótica no 6º e 7º anos e Voluntariado e DELE no 9º. No 7º, ainda tentou módulo de Matemática “por influência dos pais”, mas viu que não queria. “Meus pais aceitaram”.



Ideias para adiar o fim do mundo

Ecologia e sustentabilidade perpassam todo o Ensino Médio do Sabin, inspirando experimentos, estudos do meio e projetos inovadores dos alunos.

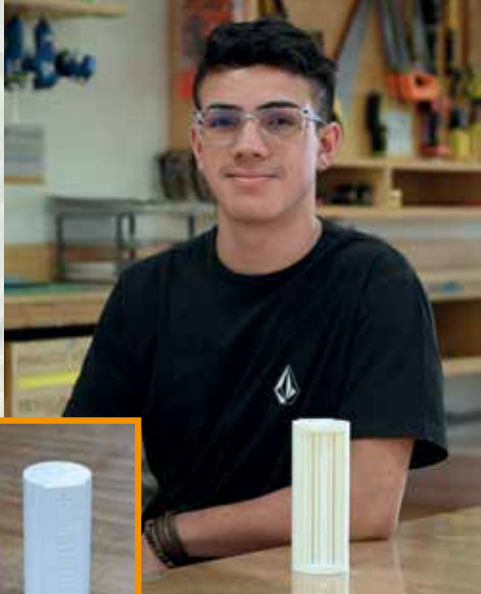
Um polímero biodegradável feito com bananas, para substituir o plástico na fabricação de objetos variados. Uma bateria à base de fontes energéticas eficientes, seguras e sem os impactos socioambientais gerados pelas matérias-primas mais usadas para esse fim, como o lítio ou o cobalto. Um sensor de deslizamentos de baixo custo, para atender às populações mais pobres, maiores vítimas desse tipo de tragédia. Se havia algo em comum nas ideias que Eduarda Tozzi, Vitor Lima e Nicolas Amazonas apresentaram, com suas respectivas equipes, em novembro passado, no evento *Shaping the Future* – iniciativa do Sabin para

incentivar projetos inovadores dos alunos da 1ª série do Ensino Médio – era a consciência dos desafios ambientais que o mundo enfrenta e a vontade de encontrar soluções sustentáveis para eles.

Hoje já na 2ª série e considerando suas escolhas profissionais, nenhum dos três parece caminhar para uma carreira intrinsecamente ligada ao meio ambiente: Eduarda planeja tentar o curso de Direito; Vitor, a Engenharia Química; e Nicolas, “algo na área de programação ou eletrônicos”. E, no entanto, a preocupação com os rumos do planeta é evidente nos três, assim como na maioria de seus colegas. “É



Eduarda Tozzi mostra colheres de plástico vegetal: preocupação ambiental independente das escolhas profissionais da nova geração.



Vitor Lima e protótipo de bateria apresentado no *Shaping the Future*: em busca de fontes energéticas seguras e sustentáveis.

um tema muito importante para nós porque é o nosso futuro”, diz Eduarda.

Não por acaso, dos 55 projetos apresentados no *Shaping the Future*, pelo menos 24 tinham relação direta com questões ambientais, como saneamento, desmatamento, uso de recursos naturais ou fontes alternativas de energia. É um bom indicativo de que ecologia e sustentabilidade se tornaram pautas prioritárias para as novas gerações, mas também de como elas ganham espaço no Ensino Médio do Sabin, no qual perpassam conteúdos de diversas disciplinas e inspiram experimentos de laboratório, estudos do meio e projetos de desenvolvimento de novas tecnologias.

Tudo está relacionado

“Um dos primeiros grandes temas da Biologia no Ensino Médio é a Ecologia”, diz a professora do laboratório de Biologia, Adriana Baroli. Segundo ela, sempre no primeiro semestre os alunos da 1ª série visitam o bosque em frente ao Colégio para um exercício prático de estudo de ecossistemas. “Coletamos material e fazemos levantamentos do perfil da vegetação e da fauna, dos nutrientes do solo, da qualidade do ar e alterações antrópicas (causadas por ação humana), seguindo uma cartilha de estudos ecológicos de florestas elaborada por pesquisadores da USP”, diz Adriana.

Outra atividade citada pela professora, esta na 2ª série do Médio, consiste na investigação de técnicas de enriquecimento do solo para o plantio, na qual os alunos cultivam pés de feijão em diferentes amostras de terra – algumas fertilizadas com chorume de composteira, outras com adubo verde (plantas fixadoras de nitrogênio), outras com insumos químicos (herbicida e fertilizante), e outras, ainda, sem qualquer intervenção, para servir como grupo de controle.

Nos dois exemplos, destaca-se o rigor metodológico necessário para a construção do conhecimento. “No Ensino Médio, eles se aperfeiçoam no método científico e já formalizam trabalhos nos moldes da Academia, sobretudo nos projetos maiores”, diz Adriana.

Mas chama a atenção, também, como tais projetos ajudam os alunos a entender a importância de cadeias



alimentares e ciclos biogeoquímicos bastante complexos, de cujo equilíbrio depende toda a vida no planeta, inclusive a humana. Segundo a professora, essa compreensão de que tudo está relacionado – que os elementos de que somos feitos vêm do solo, ou que a forma como tratamos a Terra impacta a qualidade da nossa alimentação e sobrevivência – motiva os alunos a assumir uma postura mais consciente, crítica e ativa. “Quando se apoderam desses conceitos, eles percebem que podem, se não mudar o mundo, contribuir para a mudança”.

É uma lição que ganha reforço nas saídas pedagógicas promovidas no Ensino Médio. Todos os anos (com exceção do período da pandemia), as turmas da 1ª série do Sabin fazem uma viagem ao Petar (Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira), a 320 km de São Paulo, enquanto as da 2ª série conhecem a região de Cananeia, litoral sul do Estado. São duas experiências marcantes, nas quais os alunos entram em contato com paisagens exuberantes e rica biodiversidade – os dois destinos são patrimônios naturais da humanidade – e também com as comunidades tradicionais que ali habitam. Povos que também têm muito a ensinar sobre sustentabilidade.

Outro mundo é possível

“É muito rico para o aluno conhecer comunidades onde todos têm noção do coletivo, e as práticas que garantem sua subsistência vêm de gerações, demonstrando o valor que dão ao meio ambiente e à história”, diz o orientador educacional Fábio Ribeiro. Ele se refere aos moradores da região do Petar, quilombolas e caboclos que tiram seu sustento do que cultivam em sistemas agroecológicos,

As saídas pedagógicas agregam, aos conhecimentos de Biologia, Química e Física, o olhar das Ciências Humanas, que explicitam causas sistêmicas dos problemas que enfrentamos, diz a professora de Geografia. “Não dá para se ter sustentabilidade sem equidade social”.

do artesanato e do trabalho como guias turísticos das cavernas e reservas naturais do lugar.

Os alunos da 2ª série, por sua vez, são apresentados à flora e à fauna do estuário de Cananeia, de onde voltam com amostras de água e espécimes para análise em laboratório (“dissecamos peixes, nos quais vemos indícios concretos da poluição humana”, diz Adriana Baroli). Mas não só. Também lá a turma interage com a população local – pescadores, produtores de ostras, agricultores – e conhece suas atividades econômicas e culturais.

Para a professora de Geografia Roberta Gerson, além de mostrar que outros modos de vida são possíveis, tais saídas pedagógicas enriquecem o debate sobre ambientalismo e sustentabilidade ao agregar, aos conhecimentos de Biologia, Química e Física, o olhar das Ciências Humanas.

“As Ciências Humanas explicitam causas sistêmicas dos problemas que enfrentamos”, diz Roberta. Segundo ela, pensar em substitutos do plástico, por exemplo, é só o começo de uma mudança que demanda também questionar o consumismo da vida moderna, assim como soluções agroecológicas têm de vir acompanhadas de discussões sobre soberania alimentar e fome. “Não dá para se ter sustentabilidade sem equidade social”. O tema, aliás, serve de mote para uma das novas disciplinas eletivas do Ensino Médio deste ano, “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, inspirada na obra do líder indígena Ailton Krenak.

Para além do compromisso com a formação de cidadãos responsáveis e críticos, porém, Fábio e Roberta citam outra razão, mais pragmática, pela qual investir na conscientização socioambiental de estudantes nessa faixa etária: capacitá-los para o mundo do trabalho.

Para o orientador, os últimos anos viram surgir profissões ligadas ao tema, como gestão ambiental e engenharia ambiental, enquanto Roberta lembra que tal conhecimento passou a ser exigido em várias áreas. “Qualquer obra de engenharia de médio porte hoje precisa ter um estudo de impacto, estar de acordo com a legislação socioambiental”, diz ela, notando que esse cuidado não pode ser exclusivo de ecologistas, mas praticado por engenheiros, geólogos, advogados, sociólogos. Ou por quaisquer outros profissionais que entendam, como os alunos do Sabin entenderam, que o outro mundo possível depende, essencialmente, deles próprios.

As demandas da idade

Vivências bilíngues na infância, avaliações socioemocionais na adolescência, dicas de intercâmbios e preparações para o Ensino Superior: como o Inglês do Sabin atende às necessidades dos alunos em diferentes idades.

Imagine as seguintes situações: (1) Seu time de vôlei acaba de perder o campeonato, e você está diante do(a) jogador(a) cujo erro lhes custou a partida. O que você diria? (2) O gerente do seu emprego vai contratar um novo funcionário, e você vê, na mesa dele, o currículo de alguém com quem estudou, de péssimo comportamento. Você comentaria algo? Agora, imagine que você deve responder a perguntas como essas em dois minutos. E em inglês.

Testes assim foram aplicados a alunos da 3ª série do Ensino Médio no último trimestre de 2022, por professoras de Inglês do Sabin, como uma simulação do tipo de entrevistas feitas em processos seletivos de universidades estrangeiras, mas que também têm se tornado comuns em instituições brasileiras. A ação foi parte de um projeto maior do Departamento, com foco na preparação de alunos para o Ensino Superior – que, por sua vez, é apenas um dos exemplos de como o Inglês do Sabin, além de ensinar o idioma, atende a outras necessidades específicas de cada faixa etária.

A começar pelo período integral bilíngue, lançado em agosto de 2022 com um grupo apenas e ampliado este ano para as turmas do Integral do Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental. Segundo a assessora Renata Cunha, a experiência com a primeira turma, no semestre passado, foi “um sucesso”. “As crianças receberam superbem, e os pais também”, diz ela, apontando que a demanda das famílias por mais inglês na rotina escolar dos filhos vem crescendo nos últimos anos.

O formato do Integral continua o mesmo: vivências corporais, culturais, tecnológicas e ambientais pela manhã, com todos se comunicando predominantemente na língua inglesa, e tardes dedicadas à matriz curricular regular. Em vez de uma regente e um professor que ministra algumas aulas semanais de Inglês, neste ano o Sabin contratou novos profissionais com formação e experiência em Pedagogia e fluência no idioma para cuidar tanto dos momentos de apoio pedagógico, em que os alunos usam parte da

manhã para estudos e lições de casa, como das vivências bilíngues. “Cada turma agora tem uma única pessoa como sua referência do Integral”, diz a assessora.

Mas mesmo quem não está no período integral teve sua carga horária de Inglês ampliada neste ano. Alunos do 2º e 3º ano passaram a ter três aulas de Inglês por semana – uma a mais do que antes, com foco no desenvolvimento da oralidade –, enquanto as turmas de 4º e 5º ano têm, além dessas três, uma aula bilíngue de Letramento Digital por semana. É um grande reforço, diz Renata, para uma fase em que os objetivos pedagógicos são centrados na habilidade comunicativa dos alunos.

“Nos primeiros anos do Inglês, buscamos despertar o gosto pelo idioma, priorizando assuntos do cotidiano das crianças – como brinquedos, esportes, vida familiar – e as incentivando a se comunicar sem medo de errar. Análise e reflexão sobre a língua e estudo da gramática vêm depois, do 6º ano em diante”.

Construindo projetos de vida

O 6º ano marca também o início da fase em que o Sabin estimula os alunos a assumir postura mais autônoma em relação aos estudos, às próprias responsabilidades e a si mesmos. E também nesse ponto o Departamento de Inglês contribui, ao reforçar o trabalho com as competências socioemocionais (*soft skills*), que são, inclusive, inseridas em autoavaliações realizadas pelos próprios alunos.

“A cada série acrescentamos mais perguntas para eles irem se avaliando quanto à sua capacidade de autogestão, sociabilidade, resiliência, entre outros aspectos”, diz a coordenadora do Inglês, Denise Araújo. “É uma fase na qual o adolescente começa a vislumbrar seus projetos de vida com mais nitidez, e esse tipo de reflexão ajuda nisso”.

A partir deste ano, aliás, alunos do 9º ano em diante contam com outra ajuda ainda mais específica para a construção de seus projetos de vida: indicações de atividades de intercâmbio em instituições estrangeiras. Segundo a di-

retora Giselle Magnossão, o Sabin tem pesquisado várias agências de intercâmbio para oferecer às famílias interessadas sugestões baseadas em diferentes perfis de estudante – desde cursos de férias focados no aprendizado da língua até estágios em clubes esportivos ou escolas de artes. “Fizemos uma curadoria de projetos de qualidade e parceiros confiáveis”, diz Giselle.

Já para os que chegam à 3ª série do Ensino Médio, o Departamento de Inglês oferece ações focadas em vestibulares e outros meios de acesso às universidades pretendidas pelos alunos, sejam elas do Brasil, sejam do exterior. De acordo com a assessora Simone Magalhães, além de aplicar simulados das provas de Inglês dos principais vestibulares do País (Fuvest, Unesp, Unicamp e Enem), o Colégio tem ajudado os alunos a elaborar currículos no modelo comumente solicitado por universidades estrangeiras. “Essas *applications* geralmente trazem vivências e conquistas relevantes do aluno nos campos acadêmico, esportivo, cultural e social”, diz Simone. “Como desdobramento desse trabalho, também gravamos vídeos de apresentação pessoal dos alunos, falando

em inglês, que podem servir para se candidatarem a vagas em faculdades ou até estágios”.

E há, por fim, as minientrevistas realizadas pela equipe, com situações hipotéticas como as descritas no início deste texto, que simulam um processo de seleção de candidatos. “Universidades brasileiras importantes, como a ESPM, a FGV e o Insper, já incluem entrevistas presenciais nos seus processos seletivos. Para os alunos, essas questões valem como prova oral, mas também como a chance de viverem a experiência de estar diante de um entrevistador, com pouco tempo para demonstrar seus conhecimentos e personalidade”, diz Simone. “Alguns ficaram nervosos – e é bom que saibam que precisam exercitar mais esse autocontrole –, já outros amaram, mas para todos foi uma grande excitação. Faremos de novo este ano, com certeza”.



Corpos e mentes em movimento

Novo currículo de Iniciação Esportiva e nova modalidade para o Ensino Médio refletem objetivos do programa de esportes.

Implantadas neste ano, duas novidades no Programa Sabin+Esportes&Cultura – uma para alunos dos anos iniciais do Fundamental e outra para os do Ensino Médio – ilustram como a prática de esportes no Sabin busca atender a diferentes objetivos ao longo da vida escolar de crianças e adolescentes, de acordo com as principais necessidades de cada faixa etária.

Para alunos dos anos iniciais do Fundamental, 2023 começou com um novo currículo da Iniciação Esportiva, que visa ampliar e consolidar o repertório de habilidades motoras básicas dos participantes, para que, mais à frente, eles estejam aptos a aplicá-las nos diversos esportes que queiram experimentar. E, para os alunos do Médio, uma nova modalidade está sendo oferecida, tendo como foco a promoção do bem-estar físico e emocional do adolescente, numa fase da vida marcada por inseguranças, desafios e responsabilidades.

Segundo o coordenador do Sabin+Esportes&Cultura, Paulo Rogério Vieira, a primeira novidade começou a ser gestada há um ano, com a consultoria de Luciano Basso, professor doutor da Escola de Educação Física e Esporte da USP. Desde o início de 2022, Basso visitou o Sabin algumas vezes, para assistir a aulas de Iniciação Esportiva, elaborar um diagnóstico e propor uma revisão do currículo desta que é a única opção de esporte coletivo para turmas do 2º ao 5º ano do Fundamental.

Em resumo, diz Paulo Rogério, a principal mudança proposta pelo especialista foi de foco. Se antes o currículo da Iniciação Esportiva focava em apresentar aos alunos as regras e os fundamentos de modalidades como basquete, futsal, handebol e vôlei, agora a prioridade é o desenvolvimento de habilidades motoras básicas – como correr, chutar, arremessar bola, controlar bola com o pé, quicar, desviar ou esquivar – que são usadas tanto naqueles quanto em outros esportes.

“Nosso maior objetivo era que os alunos chegassem ao fim do 5º ano entendendo e sabendo jogar os esportes coletivos oferecidos do 6º em diante”, diz o coordenador. “Mas Luciano percebeu que isso podia gerar *gaps* de aprimoramento de algumas dessas habilidades. Então, em vez de organizar o currículo por modalidades, dedicando certo número de aulas a cada esporte, ele organizou por habilidades, o que nos dá mais tempo para promover aprendizagens mais significativas”.

Assim, ao longo de quatro anos, o novo currículo se divide em um primeiro módulo voltado para a aquisição, proficiência e diversificação de cada uma das 16 habilidades elencadas pela equipe, e um segundo módulo voltado para oito combinações possíveis (correr e saltar, correr e chutar, etc.) e sua aplicação em dinâmicas de defesa ou ataque, em variados jogos de regras.

Corpo sarado X corpo em harmonia

Já a nova modalidade esportiva oferecida para o Ensino Médio combina exercícios de alongamento, movimentos inspirados no Pilates e na ioga, técnicas de meditação e respiração, entre outras práticas voltadas para o desenvolvimento da consciência corporal e do equilíbrio emocional. Batizada de Atividade Física e Bem-Estar, é oferecida para turmas mistas (meninos e meninas), uma vez por semana, na sala de espelhos da Ginástica Rítmica, que tem capacidade para 30 alunos. Mas Paulo Rogério prevê que a demanda supere esse número rapidamente. “Se for preciso, podemos usar espaços como o tatame do Judô para abrigar outras turmas”.

A previsão do coordenador parece provável. Primeiro, porque atende a uma parcela dos alunos que não têm tanto interesse ou não se adaptam ao contexto dos esportes de quadra. E, principalmente, porque se trata de uma faixa etária marcada por uma maior preocupação com o próprio corpo – tanto em termos de autoimagem quanto de cuidado com a saúde. “É importante que se diga: o objetivo não é ficar com um ‘corpo sarado’”, mas sim com um ‘corpo em harmonia’”, diz Paulo.

Harmonia esta, diz ele, também promovida entre corpo e mente. “É uma fase de muita ansiedade – devido a vestibulares, escolha da profissão, relacionamentos –, e, para isso, técnicas de relaxamento e respiração podem ser muito úteis”.

Segundo Paulo, as duas novidades do Sabin+Esportes&Cultura são exemplos de como o Programa acompanha o desenvolvimento físico, social e emocional dos alunos em diferentes fases da vida. Assim, se do 2º ao 5º ano o Sabin promove a ampliação do repertório motor básico dos alunos, do 6º ao 9º ano são introduzidos mais esportes



A nova modalidade de Atividade Física e Bem-Estar reúne elementos do Pilates, da ioga e da meditação para promover a consciência corporal e o equilíbrio emocional de alunos do Médio.

coletivos, refletindo uma fase em que participar de grupos é fundamental para a construção da identidade do adolescente, fortalecida também pela especialização em uma ou mais modalidades (“eu sou do vôlei e da natação”). “Por causa da maior diversidade de opções, essa fase contribui muito para o aluno aprender a escolher e a lidar com as consequências de suas escolhas, como ter de equilibrar as exigências do esporte com os deveres acadêmicos, por exemplo”, diz o coordenador (*a esse respeito, v. matéria na pág. 10*).

Finalmente, no Ensino Médio, o esporte continua trazendo os mesmos benefícios de antes – condicionamento físico, resiliência, foco, habilidade de cooperação, etc. –, mas para jovens já em maior controle de suas vontades e escolhas, servindo, principalmente, como um momento privilegiado para cuidarem de si. “É o esporte como facilitador de objetivos orgânicos, estéticos, sociais e mentais, proporcionando ao aluno o prazer de trabalhar corpo e mente integralmente”.



O novo currículo de Iniciação Esportiva privilegia o desenvolvimento de habilidades motoras básicas e suas combinações (p. ex.: correr e arremessar), antes da fase de especialização em modalidades específicas.



O homem que sonhou o Sabin



Uma conversa com o Sr. Godoi, fundador e mantenedor do Colégio Albert Sabin.

De menino nascido na pequena cidade de Jequeri (MG) e que até os 18 anos de idade só tinha o ensino primário, cursado em uma escolinha rural com apenas uma sala de aula, a dono de três das melhores escolas de São Paulo. Se há duas constantes na vida de **Gisvaldo de Godoi**, 76, estas são a disposição para o trabalho e a certeza do valor da educação. Após deixar cedo os estudos e mudar de cidade para ganhar seu sustento – como servente de pedreiro, ferreiro, escriturário de banco e outros tantos empregos –, assim que possível ele voltou às salas de aula, concluiu sua formação, montou uma construtora e, há exatos 30 anos, fundou uma escola que logo seria referência na capital paulista: o Colégio Albert Sabin. Mantenedor do grupo Godoi Educacional – que abrange Sabin, AB Sabin e Vital Brazil –, ele já não se envolve na gestão das escolas, mas ainda as visita com frequência, para ver novas gerações de alunos que, assim como ele, sabem o quanto longe o conhecimento os pode levar. Em uma visita recente, alunos do 3º ano E conversaram com o Sr. Godoi sobre sua vida, o Sabin e o futuro.

Desde criança, você queria ser dono de uma escola? (Beatriz Eder)

Não, eu nem pensava nisso. Não tinha esse sonho, porque eu nasci e fui criado num sítio lá na Zona da Mata mineira. Eu só tinha feito até o 4º ano e vim embora para São Paulo, porque eu tinha de trabalhar. Então, não pensava em ter escola, pensava só em trabalhar muito. Voltei a estudar quando já tinha 18 anos de idade.

Que profissão você pensava ter quando criança? (Rafaela)

Eu tinha um sonho de ser médico. Sabe por quê? Eu achava que trabalhava pouco e ganhava muito *(risos)*. Mas, como não estudei, não pude ser.

Como você se sentiu construindo essa escola? (Beatriz Françoso)
Você quem planejou sozinho essa escola do jeitinho que ela é? (Leonardo Lopes)

Ah, me senti realizando o sonho da minha vida. Porque



trabalhei em vários empregos; nos dois últimos, trabalhei 13 anos em um banco e depois mais 18 anos numa construtora. Aí, decidi montar o Sabin. Porque, quando eu era criança, estudei numa escola que só tinha uma sala de aula. Tinha 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano... mas tudo numa sala só, e a professora dava aula a todos. Então, eu queria fazer uma escola bem bonita para que as crianças pudessem estudar com certo conforto. Mas não fiz sozinho, não. Foi um trabalho de equipe.

Quantos anos demorou para a escola ficar pronta? (Gustavo)

O primeiro prédio foi muito rápido. Porque essa escola, no início, era só este prédio aqui [o Prédio Da Vinci, hoje dedicado à Educação Infantil e aos anos iniciais do Fundamental]. Este, nós construímos em um ano. A gente imaginava que ia levar alguns anos para encher de alunos, só que, no primeiro ano de aula, já enchemos o prédio. Então, no segundo ano, a gente já estava construindo o prédio dos anos finais do Fundamental [o Prédio Monet; o Prédio Van Gogh, hoje dedicado ao Ensino Médio e ao Inglês, seria construído em 1997; e o Prédio Picasso, do Programa de Esportes e Cultura, em 2003].

Como o senhor se sente sendo o dono desta escola? (Marcela)

Eu me sinto um homem super-realizado. Sou casado, tenho uma família muito bacana, muito bonita. Minha filha é diretora aqui [Cristina Godoi, mantenedora do grupo Godoi Educacional], meu filho é diretor de uma construtora que nós ainda temos. E eu hoje só fico balançando a pança *(risos)*.

O senhor gosta da sua escola como está hoje ou acha que

precisa melhorar alguma coisa? (João Pedro Gomes)

Sempre, sempre precisa melhorar. Se a gente não melhorar, a gente fica para trás. Se vocês observarem, cada ano tem uma coisa nova na escola.

Qual é a sua escola preferida? (Joãoquim)

Eu não tenho nenhuma preferida, não. Talvez o Sabin, por ser a primeira, a mais antiga, eu posso estar mais enraizado nela, mas eu gosto igualmente das três.

Você gostaria que essa escola fosse passada de geração para geração? (Laura Kuller)

Esse é o meu sonho. Já está na segunda geração, e espero que passe para várias outras. Que seja um negócio que nunca acabe.

O que você espera do futuro? (Maria Fernanda)

Poxa, essa pergunta é difícil, hein? O Sabin hoje já tem um monte de ex-alunos que são engenheiros, médicos, advogados, em vários outros países. Existe ex-aluno do Sabin hoje que é diretor de um grande hospital nos Estados Unidos! E não é só ele, não; temos muitos ex-alunos que hoje têm empregos maravilhosos aqui no Brasil e lá fora, no exterior. Então eu hoje já estou mais tranquilo, não estou trabalhando muito. Venho de vez em quando, só para ver como a escola está. Minha filha administra a escola, e ela, com a Giselle Magnossão [diretora pedagógica], com as outras professoras, está tocando a escola, e eu venho aqui só para visitar vocês. E me dá muito prazer vir aqui. Espero que essa meninada aproveite a oportunidade que está tendo.



Você sabia?

Há 30 anos, quando o Sabin foi construído, o mundo era um pouco diferente do que é hoje:

- Em 1993, a Terra tinha cerca de 5,6 bilhões de pessoas. Hoje, já são mais de 8 bilhões.
- O Brasil tinha cerca de 156 milhões de habitantes. Hoje, somos 213 milhões de brasileiros.
- A temperatura média do planeta subiu 0,8 °C nos últimos 30 anos, muito por causa das emissões de gases de efeito estufa.
- Em 1993, foram emitidas cerca de 32,7 bilhões de toneladas desses gases no mundo; atualmente, o volume estimado é de quase 50 bilhões de toneladas ao ano.
- Em agosto de 1993, a moeda brasileira passou a ser o cruzeiro real (CR\$), que durou pouco mais de um ano: ela serviu de transição do antigo cruzeiro (Cr\$) para o atual real (R\$).
- Em 1993, os primeiros celulares chegaram a São Paulo (a primeira cidade do Brasil a ter celulares foi o Rio, em 1990). Hoje, mais de 90% da população com mais de 10 anos têm celular.

35 anos de luta

De que serve uma Constituição tão minuciosamente escrita se esta não sai do papel?

A Nação quer mudar, a Nação deve mudar, a Nação vai mudar.” Foi assim que o deputado federal Ulysses Guimarães finalizou seu discurso durante a proclamação da nova Constituição da República Federativa do Brasil, em 5 de outubro de 1988. Ainda em vigência e prestes a completar 35 anos, a chamada Constituição Cidadã representou um marco na conquista de direitos até então quase impensáveis no contexto mundial, contando com a participação de 559 pessoas na Assembleia Constituinte, além de 12 milhões de cidadãos cujas assinaturas resultaram em 122 emendas populares. Naquele momento, o documento não só marcou o início da Nova República mas reacendeu também as esperanças do povo brasileiro sobre seu país.

Com 250 artigos, a nossa Carta Magna é a segunda maior constituição do mundo, e há quem critique seu tamanho e detalhismo sem considerar que tais qualidades formaram a base necessária para o restabelecimento e a manutenção da democracia após um período de ditadura. Tripartição dos Poderes, voto universal, liberdades de expressão e reunião, direitos sociais, criminalização da tortura e do racismo e defesa do meio ambiente foram algumas das diversas conquistas presentes no texto. Todavia, as mudanças não pararam por aí – desde sua promulgação, a Consti-

tuição já conta com 128 emendas, alterações pontuais no documento original.

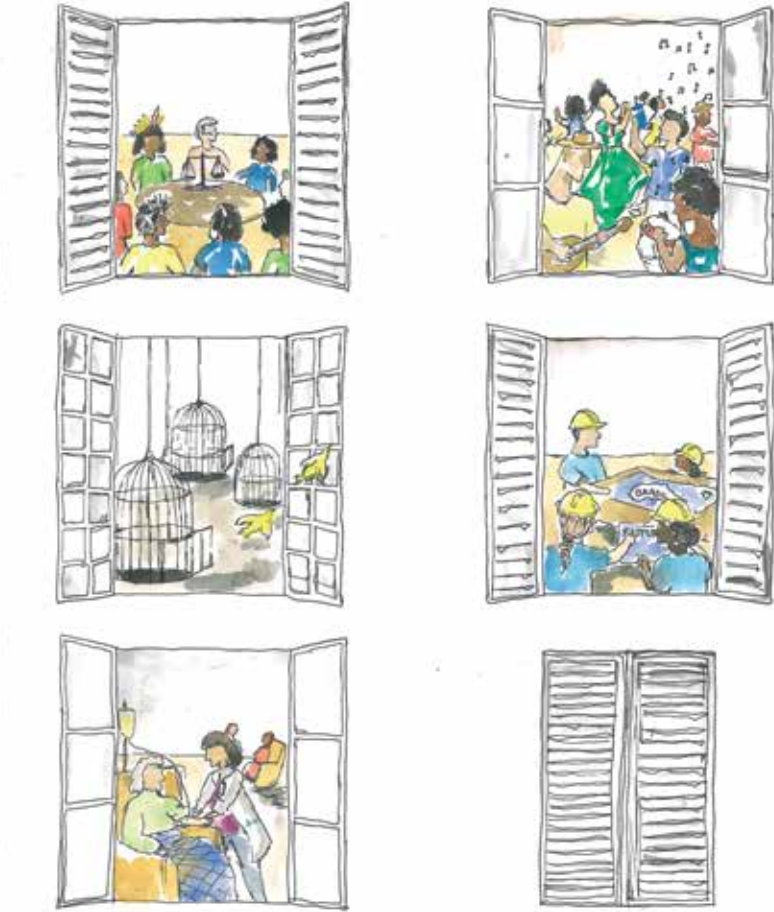
Entretanto, ainda que o sonho de um Estado Democrático de Direito, em teoria, tenha sido alcançado, como todo sonho, outros surgem em seu lugar. Existem novas necessidades que devem ser atendidas, e, sobretudo, o povo deve ter a absoluta consciência de que os direitos já estipulados por lei são plenamente instituídos. De que serve uma Constituição tão minuciosamente escrita se esta não sai do papel? A base está sólida, o que resta é construir sobre ela um país no qual futuras gerações possam usufruir integralmente os direitos e deveres que lhes foram concedidos.

Há mais de 35 anos, o povo brasileiro foi às ruas, em manifestações, exigindo eleições presidenciais diretas (o conhecido movimento das “Diretas Já”) e uma Assembleia Constituinte. Exatos 35 anos atrás, a nova lei fundamental e suprema do Brasil foi promulgada, e, a partir desse momento, coube e cabe a nós, como sociedade, e ao poder público garantir que a lei seja respeitada – ou, quando necessário, alterada. Afinal, “a Nação quer mudar, a Nação deve mudar, a Nação vai mudar. A Constituição pretende ser a voz, a letra, a vontade política da sociedade rumo à mudança”. A atemporalidade da fala de Ulysses nunca esteve tão evidente.



Manoela de Miranda Guerra,
aluna da 3ª série D
do Ensino Médio.

35 anos de Constituição cidadã *A Carta que abriu Janelas*



Que outras Janelas ainda precisam ser abertas?

“Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.”

[Preâmbulo da Constituição Brasileira]



Isabela Otsuka Yamazoe,
aluna da 3ª série D
do Ensino Médio.

A primeira a vestir a camisa

Colaboradora mais antiga do Sabin conta como sua história se uniu à do Colégio, há exatos 30 anos.

Barro, terra, construção. Palavras que vêm à memória de Lígia Maria Cardoso de Souza ao narrar quando tudo começou. Ela é a funcionária mais antiga do Sabin e viveu os 30 anos de história do Colégio desde o princípio. “Tudo ainda era barro quando eu vim pra cá”, diz Lígia, que começou a trabalhar na instituição em maio de 1993 – informalmente, no início, como ajuda pessoal aos donos da nova escola. Registrada no dia 3 de agosto, ela acompanhou a construção do prédio principal, o Da Vinci, a inauguração em outubro e, finalmente, o primeiro dia de aula do primeiro ano letivo, em 1994, “quando começamos a ter aqui dentro essa maravilha que são as crianças”.

Na primeira investida do Sabin para contratá-la, Lígia disse não. Na época, havia pedido afastamento da escola onde trabalhava por 16 anos, em

Osasco, para cuidar da mãe, que estava doente. O Sabin, porém, não desistiu, e a insistência alguns meses depois deu certo. Sua mãe havia, então, melhorado, e incentivou a filha a aceitar o convite. Lígia é formada em Pedagogia e fez especialização em Controladoria e Finanças. Chegou até a lecionar. “Mas tive uma relação muito breve com a sala de aula. Me identifiquei mesmo com o administrativo”, diz. Sua missão, assim que se integrou ao projeto do Sabin, foi estruturar aquele setor, onde hoje responde pela Tesouraria.

Lígia nasceu em Araçatuba, no interior de São Paulo, no seio de família humilde, a caçula de sete irmãos. Começou a trabalhar aos 12 anos numa escola e só foi fazer faculdade aos 28, já casada. Teve passagens por empresas como a cervejaria Brahma, a Firestone, de pneus, e a multinacional Envirotech-Compaq, que produz

caldeiras. Experiências ricas, sem dúvida, mas apenas no Sabin teve a seguinte impressão logo nos primeiros dias de casa: “A de que eu iria voltar a aprender, voltar a ter conteúdo. E não ficou só na sensação, não. Tornou-se realidade”.

Segundo ela, esse aprendizado tem menos a ver com as tarefas que desempenha no dia a dia e mais com o clima que se respira no Colégio. “Vai da forma como todos são acolhidos assim que a gente cruza o portão de entrada até a clareza que todos têm em relação à missão do Sabin”, explica. Para ela, a missão é a cola que une direção, corpo docente e demais funcionários e que faz com que a equipe “vista a camisa”: “Todos são empenhados em entregar o melhor em termos educacionais”.

Quando pensa em passagens marcantes nesses 30 anos, Lígia cita palestras do filósofo e escritor Mario Sergio Cortella e do psiquiatra Içami Tiba, entre tantos outros convidados com visões relevantes sobre a formação de crianças e adolescentes, que a escola sempre buscou trazer para compartilhar com pais e colaboradores. Mas nenhum evento supera o seu preferido, que acontece todos os anos e ao qual se dedica com afinho: a Festa Junina do Sabin. “A festa tem uma característica de doação. Envolve você doar o seu dia, sua hora, minuto, não importa. Mas é preciso doar de dentro para fora”, diz Lígia. É o que fará uma vez mais neste ano – com imensa alegria.



“Dona” Lígia, da Tesouraria do Sabin, ao lado de sua carteira de admissão no Colégio: 30 anos empenhada em entregar o melhor para as famílias.